

Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando o povo Pataxó da Bahia, Brasil.

Proyecto Vidas Paralelas Indígena: revelando el pueblo Pataxó de Bahia, Brasil.

Project Indigenous Parallel Lives: revealing the Pataxó people of Bahia, Brazil.

Cristina Santos ¹

Uelzo Alves ²

Maria da Graça Luderitz Hoefel ³

Edgar Merchán-Hamann⁴

Denise Osório Severo ⁵

Silvéria Maria dos Santos ⁶

RESUMO

Este relato de experiência se refere ao povo Pataxó, que habita a Costa do Descobrimento, no extremo sul do Estado da Bahia e em alguns lugares de Minas Gerais. Mais especificamente se faz um relato das aldeias de Barra Velha (Aldeia Mãe) e Coroa Vermelha com 6.695 e 5.200 habitantes, respectivamente. Este povo foi um dos primeiros contatados pelos portugueses e foi proibido falar a língua ancestral, que pertence à família Maxacali, do tronco

1 Estudante de Enfermagem. Faculdade de Ciências da Saúde (FS) – Universidade de Brasília (UnB);

2 Estudante de Enfermagem. Faculdade de Ciências da Saúde (FS) – Universidade de Brasília (UnB);

3 Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Saúde Coletiva (FS/UnB), Coordenadora do Projeto Vidas Paralelas Indígena (PVPi);

4 Doutor em Saúde Pública. Professor do Departamento de Saúde Coletiva (FS/UnB), tutor do PVPi;

5 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UnB; Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos em Saúde Pública / NESP, tutora do PVPi;

6 Doutora em História. Professora do Departamento de Enfermagem (FS/UnB), tutora do PVPi.

Macro-Jê, e que agora está sendo resgatada. Relata-se a história recente de conflitos, em 1951 e em 1990. Descreve-se a organização hierárquica da comunidade e suas lideranças eleitas por uma assembleia, bem como as instâncias de representação e controle social. Relatam-se costumes de alimentação e de autocuidado, a influência crescente de produtos industrializados nos hábitos alimentares, bem como as doenças e queixas mais frequentes. Há vários estudantes indígenas em universidades públicas. O atendimento à saúde é realizado por uma equipe multiprofissional que se desloca à comunidade a cada 15 dias. Destacam-se problemas de transporte.

Palavras-chave: educação indígena; saúde indígena; indígenas Pataxó do Brasil.

RESUMEN

Este relato de experiencia se refiere al grupo étnico Pataxó, que habita la Costa del Descubrimiento, en el sur del Estado de Bahia, Brasil, y en algunos lugares de Minas Gerais. Más especificamente se refiere a las aldeas de Barra Velha (Aldeia Madre) y Coroa Vermelha, con 6.695 y 5.200 habitantes,

respectivamente. Este pueblo fue uno de los primeros a tener contacto con los portugueses y le fue prohibido hablar su lengua ancestral, que pertenece a la familia Maxacali, del tronco Macro-Jê, y que se encuentra en proceso de rescate. Se relata la historia reciente de conflictos, en 1951 y en 1990. Se describe la organización jerárquica de la comunidad y sus líderes elegidos por una asamblea, así como las instancias de representación y control social. Se relatan costumbres de alimentación y autocuidado, la influencia creciente de productos industrializados en los hábitos alimentarios, así como las enfermedades y dolencias más frecuentes. Hay varios estudiantes indígenas en universidades públicas. La atención a la salud es realizada por un equipo multiprofesional que se desplaza a la comunidad cada 15 días. Se destacan problemas de transporte.

Palabras clave: educación indígena; salud indígena; indígenas Pataxó del Brasil.

ABSTRACT

This experience report refers to the Pataxó ethnic group that lives on the *Costa del Descubrimiento* (Discovery Coast) at the southern part of the Brazilian state of Bahia and some sites in Minas Gerais. In particular, it covers the Barra Velha (Aldeia Madre) and Coroa Vermelha villages with respective populations of 6,695 and 5,200 inhabitants. This community was among the first that were in contact with the Portuguese. They were forbidden to speak their ancestral language of the Maxacali family, Macro-Jê linguistic stock and the rescue of this language is in process. This paper narrates the history of the recent conflicts of 1951 and 1990. It describes the community's hierarchical organization and leaders elected

by an assembly as well as representation and social control instances. Feeding and self-care customs are explained along with a growing influence of processed products in the feeding habits and the most frequent illnesses and ailments. Several indigenous students attend public universities. Health care is provided by a multi-professional team that rides to the village everyday. Transportation issues are highlighted.

Key words: Brazilian indian education; Brazilian indian health; Brazilian Pataxó indians; Brazil first nations.

INTRODUÇÃO

O povo Pataxó, cujo nome significa “barulho das águas”, habita a Costa do Descobrimento, no extremo sul da Bahia, mais precisamente nos municípios de Porto Seguro, Prado, Itamaraju e Santa Cruz de Cabrália, bem como em algumas comunidades no Estado de Minas Gerais (Figura 1). Na Bahia, as comunidades Pataxó formam 18 aldeias, distribuídas nos municípios citados acima, abrangendo um território de 22.500 hectares no Parque Nacional do Monte Pascoal, ocupados por, aproximadamente, 25.000 mil índios. Segundo a FUNASA (2010), a população do povo Pataxó (excluindo os Pataxó hã-hã-hãe), habitando tanto a Bahia como Minas Gerais, é de 11.800 habitantes^{1,2}.



Figura 1. Localização do povo Pataxó.

Após séculos de contato forçado com a população não indígena, esse povo guerreiro ainda mora em aldeias muito diferentes das moradias tradicionais. Isso se deve ao fato de terem sido um povo nômade. Mesmo assim, preservaram muitas lembranças do passado de luta e permaneceram lutando bravamente para continuar a existência enquanto povo sendo sua etnia uma das primeiras a ter contato com os portugueses.

Barra Velha (a Aldeia Mãe) tem 8.625 hectares localizados na reserva de Monte Pascoal e faz divisa com os povoados turísticos de Caraíva e Ponta de Corumbau. Na aldeia, vivem cerca de 6.695 habitantes (Figura 2).



Figura 2. A aldeia de Barra Velha recebe mutirão da Prefeitura de Porto Seguro - Bahia.

A aldeia de Coroa Vermelha está localizada no município de Santa Cruz de Cabrália, nos limites dos rios Mutá e Mutari, alcançando a

rodovia BR-367, que liga ao município a Porto Seguro. Abrange uma área já demarcada de aproximadamente 1.493 hectares, onde moram cerca de 5.200 índios.

O povo Pataxó não fala mais a sua língua, não porque a tenham perdido, mas sim porque a mesma lhes foi tirada. Tornou-se proibido falar a língua ancestral, que pertencia à família de línguas Maxacali, do troço Macro-Jê. Mas nem tudo foi esquecido. Com ajuda dos mais idosos, mostrou-se possível preservar na memória uma quantidade de palavras às quais o povo confere grande valor. Desde 1998, educadores e lideranças Pataxó, de forma independente, passaram a fazer estudos detalhados de sua língua, o Pataxohã, que significa “língua de guerreiro”. Após muitas pesquisas e coleta de informações junto aos mais idosos, em documentos de pesquisadores e em relatos de viajantes, encontrou-se um vocabulário com mais de 2.500 palavras, que são ensinadas nas escolas das aldeias. Em seu dia-a-dia, o povo Pataxó usa palavras como *kakuçu* (homem ou marido), *jokana* (mulher ou esposa), *jokana baixu* (mulher bonita), *kijeme* (casa) e *Tupã* (Deus).

Memória

O povo Pataxó vivia em grupos, nas matas da região da Bahia e Minas Gerais, convivendo com os índios Maxacali, Botocudo e Tupiniquim, que habitavam entre as bacias do rio João de Tiba, São Mateus, Prado e Belmonte. Um dado importante da história recente do povo Pataxó foi a luta dos antepassados pela posse das terras em Barra Velha (Aldeia Mãe). Dois fatos marcaram essa trajetória: um conflito conhecido como “Guerra ou Fogo de 51”; e, na época do governo Collor, no início

da década de 1990, a tentativa do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) de fechar a área da reserva florestal e expulsar a população indígena ou impedi-la de utilizar os recursos da floresta.

Muito viva na lembrança dos mais velhos, a Guerra de 51 foi um massacre ocorrido na aldeia Barra Velha em 1951. O cacique da época, chamado Onório, liderou um grupo que foi até o Rio de Janeiro em busca do direito de demarcação das terras onde residiam. Foram caminhando, trabalhando em fazendas e conhecendo os lugares. Assim, chegaram até a sede do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e colocaram as necessidades da aldeia e do povo. Dois homens ouviram a conversa e os aguardaram do lado de fora, passando-se por engenheiros que poderiam ajudá-los na demarcação das terras. Os dois foram até a região, fizeram uma reunião com a comunidade e ganharam a confiança dos mais idosos. Esses homens eram assaltantes e armaram uma emboscada contra os índios, o que culminou com o envolvimento da polícia da região, levando a mortes, incêndios nas cabanas e perseguição nas matas. Os índios que não conseguiram fugir foram mortos ou capturados. No final, os ladrões foram presos. Foi assim como em maio de 1951, a pequena aldeia de Bom Jardim, atualmente denominada Barra Velha, se tornaria assunto jornalístico devido a este movimento que revestiu as características de sublevação, ainda hoje cercado de obscuridade. O motim desencadeado no vizinho povoado de Corumbau, suscitou uma desproporcional reação policial que, além de danos físicos e emocionais, provocou a desorganização da população ali estabelecida. A partir disso, outras aldeias Pataxó começaram a surgir.

Organização Social

Quanto à organização da comunidade, a liderança é exercida pelo cacique (líder maior), vice-cacique e líderes. A escolha do líder maior é feita por assembléia geral, em que todos os integrantes da comunidade são convidados. Não há prazo determinado para permanência no cargo, que somente é afastado se a comunidade julgar que não o cacique não está prestando um bom serviço, ou se, por vontade própria, o mesmo deixar o cargo. Nesse caso, a comunidade é comunicada pelo próprio cacique e uma assembléia é realizada. Então, um novo cacique ou líder maior é escolhido pela comunidade. A escolha do cacique, durante muito tempo, foi hereditária. Atualmente, é feita em assembléia com os moradores e as lideranças da aldeia. A função do cacique é trazer melhorias e segurança à aldeia. Há também o cargo de pajé, que é o curandeiro e líder espiritual da tribo, conhecedor de todas as rezas, ervas e plantas medicinais da cultura Pataxó.

Há instâncias de representação onde são debatidos os problemas e deliberadas soluções. Por exemplo, o conselho comunitário de Barra Velha é composto pelo cacique, lideranças, coordenador técnico da FUNAI, diretor da escola, agente de saúde, brigadista (da área do meio ambiente), professor de cultura, representantes dos setores de agricultura, comércio, esporte, pecuária, pesca, artesanato, estudantes, mulheres, idosos e presidente da associação da comunidade indígena local (ACIBAVE).

Educação Superior

Atualmente há escolas nas 18 aldeias,

com o ensino da língua materna, *patxôhã*. Em algumas aldeias há também o ensino médio, uma conquista do povo Pataxó. Nas escolas, 95% dos professores são indígenas. É seguido um calendário escolar diferenciado e estruturado pelos próprios professores índios. Outra conquista do povo Pataxó foi o ingresso de estudantes indígenas no ensino superior público e privado; de acordo com dados coletados nas aldeias Barra-Velha e Coroa Vermelha, de um total não especificado de estudantes índios cursando o ensino superior, 44 são oriundos da aldeia de Barra-Velha. Somente dois cursam enfermagem, um de Barra-Velha e outro de Coroa Vermelha. Os demais cursam outras áreas de graduação. Dos 44 de Barra-Velha (Aldeia Mãe), 23 estudam na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 12 no Instituto Federal da Bahia (IFBA, previamente Escola Técnica Federal da Bahia), um na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), um na Universidad de Brasília (UnB) e sete em instituições particulares (seis no Centro Universitário IESB e um na Universidade Estácio de Sá).

Cultura

O povo Pataxó constitui família ainda na fase da juventude. As famílias que moram mais distantes do centro das aldeias trabalham na agricultura, cultivando seus roçados de mandioca, banana, cana, abacaxi, milho, feijão e coco. Já as famílias que moram perto dos mangues, dos rios e do mar, vivem da pesca.

Outras manifestações culturais têm sobrevivido. É o caso de dança ancestrais, como o *awê* e o *toré* (Figura 3).



Figura 3. Povo Pataxó em dança ritual (*Toré*).

Na culinária, prepara-se peixe, camarão, lagosta e ouriço (Figura 4). É preparada também farinha feita da mandioca e o *cawim*, que é a bebida igualmente feita da mandioca, tradicional do povo Pataxó. A alimentação do povo era baseada na caça, pesca e produtos feitos da mandioca e outras raízes, além de frutas. No entanto, muitas mudanças e transformações aconteceram, fazendo com que os recursos ficassem limitados. Observa-se pobreza e fome notável nas comunidades próximas a áreas urbanas. Atualmente, devido ao consumo de alimentos industrializados e a outros fatores de risco, desencadeiam-se outras doenças, como diabetes, hipertensão e persiste a desnutrição.



Figura 4. Culinária típica do povo Pataxó, baseada principalmente em frutos do mar.

Quanto à prática da religião cristã pelos Pataxó, a comunidade está dividida em protestante e católica.

Saúde

De acordo com trabalhos de campo realizados em Barra Velha e Coroa Vermelha, ficou constatado que os problemas que mais afetam a comunidade são: doenças infecciosas e parasitárias (helminíase, influenza, febres de várias etiologias, pneumonia, dengue, tuberculose), problemas oftalmológicos, dependências de álcool e outras substâncias, problemas dermatológicos, neoplasias, hipertensão arterial, diabetes, cefaleias de diversa origem, bem como doenças mentais, incluindo a depressão.

Para a cura de algumas dessas doenças ainda são utilizados remédios tradicionais, tais como o banho com ervas medicinais, xarope feito de ervas, as rezas, entre outros recursos. Quando a doença se agrava, utilizam-se medicamentos vendidos em farmácia e prescritos pelo médico. No entanto, há casos em que se recorre inicialmente aos remédios farmacêuticos.

Contexto Sanitário

O atendimento à saúde é realizado por uma equipe multiprofissional que se desloca à comunidade a cada 15 dias. Na ausência dessa equipe, o trabalho é feito pelos Agentes Indígenas de Saúde (AIS), que realizam visitas nas casas, atendendo as famílias (Figura 5). Até o final do ano 2011, o órgão responsável pela saúde indígena Pataxó era a FUNASA. Todavia, em 2012 a administração estará a cargo da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI).



Figura 5. Agente de saúde indígena do Povo Pataxó.

Os profissionais de saúde que estão disponíveis atualmente chegam a um número de 26 funcionários no Posto de Saúde de Coroa Vermelha, dentre médicos, odontólogos, enfermeiras, auxiliares de enfermagem, AIS e agentes de saneamento (AS), motoristas e auxiliares de serviços gerais. Eles atendem uma área que compreende as aldeias Pataxó Coroa Vermelha, Juerana, Aroeira e Mata Medonha, com cerca de 6.000 índios.

Outras instâncias de representação e controle social garantem articulações internas e externas com poder de interferência na situação de saúde dos indígenas. Os Conselhos Locais Indígenas de Saúde são sete no Estado da Bahia e há um Conselho Distrital Indígena de Saúde.

Nas aldeias, em geral, enfrenta-se uma grande dificuldade em relação à atenção à saúde, sendo um dos maiores problemas a falta de transporte para as equipes de saúde. Há também a falta de comunicação e o difícil acesso às aldeias mais isoladas. A população também demanda medicamentos e a realização de exames se mostra demorada. Constata-se, ainda, falta de recursos para atendimento nos postos de saúde.

CONCLUSÃO

De acordo com os dados coletados nas comunidades indígenas de Barra Velha e Coroa Vermelha, conclui-se que o povo Pataxó, mesmo após muitos anos de luta e resistência, ainda luta pelos seus direitos, pela terra e por melhores condições de vida e de saúde, apesar das inúmeras dificuldades que encontra.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Socioambiental - ISA. Povos Indígenas no Brasil. Quadro geral - Makuxi - Wapixana. Acessível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acessado em 11/11/2011.
2. Instituto Socioambiental - ISA / Carvalho MR, Souza JMA. Povos Indígenas no Brasil - Pataxó Hã-hã-hãe. Acessível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo-ha-ha-hae/918>. Acessado em 11/11/2011.